

Contos Indígenas para Crianças



Pindorama

Wesley Aragão de Moraes (org.)

Cadernos Pindorânicos nº 1



CADERNOS PINDORÂMICOS – CONTOS INDÍGENAS PARA CRIANÇAS

Copyright © da coletânea: Wesley Aragão de Moraes, 2017

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução de parte ou do todo, qualquer que seja a forma.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

DIREÇÃO EDITORIAL: JÚLIA BÁRANY

REVISÃO DE TEXTO: WANDA RIBEIRO

PREPARAÇÃO: WANDA RIBEIRO

CAPA E PROJETO GRÁFICO: JÚLIA BÁRANY, WANDA RIBEIRO,

GRAPHIUM GRÁFICA E EDITORA

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(Elaboração: Jaçaná E. Pando CRB 10/1936)

398.2 (=1-82) Cadernos pindorâmicos : contos indígenas para crianças /

C122 Wesley Aragão de Moraes, organizador; Grupo Pindorama, coordenação –

São Paulo, SP : Barany, 2017.

v. 1

Inclui bibliografia

56p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-85-61080-66-2

1. Educação – Brasil. 2. Folclore – Índios – Brasil. 3. Índios – Cultura – Brasil. 4. Mitologia indígena – Brasil. 5. Contos indígenas. I. Moraes, Wesley Aragão. II. Grupo Pindorama. III. Título.

CDU 398.2(=1-82)-93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos populares. Narrativas. Humor popular. Índios. Nativos. Infantojuvenil. 398.2(=1-82)-93
2. Folclore. Histórias mitológicas. Contos indígenas. Infantojuvenil. 398.2(=1-82)-93

Livro para ser Livre

Todos os direitos desta edição reservados à

Barany Editora © 2017

São Paulo – SP – Brasil

contato@baranyeditora.com.br

PREFÁCIO

Os cadernos pindorâmicos têm como fundamento e objetivo tornar acessível àqueles que se interessam pelo “espírito” do povo brasileiro, aspectos que formam esse espírito, considerando “espírito do povo” aquilo que **Rudolf Steiner** assim descreveu: “o espírito de um povo não oferece algo que pode ser percebido pelo poder de cognição sensorial... todavia, **o espírito do povo é uma entidade real**”¹ (STEINER, 1996, p.14).

É possível fazer uma interpretação complementar a essa afirmação de Steiner se olharmos de um ponto de vista mais **acadêmico**, como o de **Roberto DaMatta**, largamente reconhecido por seu trabalho como antropólogo, que ao tentar demonstrar as peculiaridades que caracterizam nosso país afirma: “Aqui o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso **espírito**. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente”² (DAMATTA, 1984, p.12).

Por outro lado, podemos logicamente deduzir que o espírito do povo serve a um propósito, a um “espírito da Época”. Nesse sentido, segundo a Antroposofia de Rudolf Steiner, o espírito do povo, que vive numa determinada época tem uma “missão”, comum a toda a humanidade, mas que se expressa de uma maneira peculiar em cada povo. E, apesar de o espírito do povo não poder ser percebido pela cognição sensorial, com relação a essa missão, é possível ter uma **imagem** dela: “observando os diferentes povos da Terra e escolhendo o exemplo de um ou de outro, teremos nas qualidades peculiares, características desses povos, em sua vida e seus hábitos característicos, uma **imagem** do que podemos entender como **a missão dos espíritos dos povos** (STEINER, *op. cit.*, p.19). E, a partir daí, “**imaginando** que esses espíritos dos povos possuem individualidade peculiar análoga à dos seres humanos na Terra, acharemos compreensível que os diversos grupos dos povos representam a missão individual” dos espíritos dos diversos povos. E ainda pela Antroposofia, sabemos é através das “entidades inspiradoras dos povos”, os Arcanjos, seres espirituais que os povos recebem “a inspiração para o que são e realizam como membros do povo (*idem*).”

Novamente podemos olhar sob o prisma de Roberto DaMatta, que numa outra forma de expressão, vem de encontro àquilo afirmado por Rudolf Steiner com relação à manifestação das peculiaridades que expressam o espírito do povo. Diz DaMatta: “Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto – tal como acontece com as divindades –, será preciso produzir e provocar

¹STEINER, R., *A Missão das Almas dos Povos*. São Paulo: Antroposófica, 1986.

²DAMATTA, R. *O que faz do Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira, e dela não se teria **consciência** a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.” (DAMATTA, *op. cit.*, p. 12).

Consciência é a palavra-chave que une os propósitos destes cadernos pindorâmicos aos de tantos outros que sabem da importância de nos conhecermos não apenas como indivíduos, mas enquanto “povo”, que vive e tem o propósito de cumprir sua “missão” e servir ao “espírito da Época da Alma da Consciência”. Essa importância já havia sido ressaltada por Rudolf Steiner, em 1910 na Noruega, ao afirmar: “Na antiga Grécia, nos mistérios apolíneos, a expressão ‘conhece-te a ti mesmo’ teve papel muito importante; assim, num futuro não muito distante, as almas dos povos ouvirão o apelo: ‘conhecei-vos a vós mesmos como almas dos povos.’ Essa frase terá uma certa importância para a atuação da humanidade no futuro.” (STEINER, *op. cit.*, p.13).

Nessa atuação das almas dos povos no devir humano encontra-se a chave para entendermos a contribuição da alma brasileira.

Conhecer as origens, as histórias, as peculiaridades, hábitos e gestos dos povos nativos e daqueles que aqui chegaram e ainda estão a chegar é a nossa meta.

Abrir espaços em nossos currículos para “palavras-alma que as folhas em plumas das cinco palmeiras azuis ecoam do leste, oeste, norte, sul e do centro”³. Compreender a reinvenção da África no Brasil a partir da relação espaço-tempo: “eu atiro uma pedra ontem e amanhã eu acerto um pássaro”⁴. Pesquisar os princípios da trimemoração social aqui aportados⁵ sob a bandeira da Ordem de Cristo: “ora, convive et labora”⁶.

Nosso desafio pedagógico para esta era de Micael é humanizar os encontros com os diferentes, diversos, e complexos saberes que tecem a alma humana.

Grupo coordenador do Grupo Pindorama

Elmo Modeneis, Julia Barany, Marli Pereira, Olga Saias,

Ute Craemer e Wanda Ribeiro

³JECUPÉ, Kaka Werá. **Tupã Tenondé – a criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2007.

⁴Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier. (palestra realizada em 2002 no Grupo Pindorama). **Cultura Iorubá**. Link cultura afro-brasileira, site: www.pindorama.art.br

⁵Lex Bos. (palestra proferida em 1980 no Congresso da Sociedade Antroposófica dos Países Baixos). **A Tarefa mundial dos templários**. Link Descobrimento do Brasil, site: www.pindorama.art.br

⁶MARQUES, Antonio. **Psicologia Goethiana – projeto de sociedade que todos queremos – a mudança começa comigo**. São Paulo: Barany Editora, 2016.

INTRODUÇÃO

Mais de mil diferentes culturas já existiram na parte do mundo que hoje é o Brasil. Atualmente, temos no Brasil cerca de cento e oitenta diferentes culturas – contando entre elas a cultura brasileira “ocidental”, a qual já é por si múltipla – afro-indígena-europeia - e as várias culturas indígenas existentes.

É considerado, até hoje, um fenômeno cultural sem iguais o que ocorre no Brasil. Em nenhuma parte do mundo existe uma multiplicidade tão grande de linguagens – não só de diferentes línguas (tupi, jê, karib, aruak, pano, portuguesa, quilombola etc.), mas também um aglomerado gigantesco de construções metafóricas, de cosmologias, de mitologias, de riqueza folclórica, paralelamente à maior biodiversidade do mundo. A riqueza etérica da terra, expressa numa variedade imensa de formas de vida, corresponde a uma riqueza enorme de possibilidades metafóricas, de poesia, de imagens, de sentidos.

Infelizmente, essa riqueza cultural não corresponde ao conhecimento e ao volume de pesquisas que se tem a respeito dela. Hipnotizado e condicionado pela educação eurocêntrica e ocidentalizante – que se pretende cosmopolita – o brasileiro médio não é informado, e por isso, não valoriza a riqueza cultural que temos aqui disponível. Ele se volta, fascinado, qual calunga servil diante do colonizador, para valores estranhos ao seu corpo etérico – que é o codificador e decodificador interno de símbolos, de metáforas e de imagens, o depositário orgânico de uma sabedoria onipresente através do Vivo.

O indígena, nosso irmão, ou, nosso avô, contribui com uma grande parcela das raízes da nossa cultura. Há diversos costumes indígenas; por outro lado, pois temos várias nações indígenas, que falam diferentes línguas, que têm diferentes mitos e diferentes explicações mitológicas do mundo. Muitas delas permanecem vivas e palpantes.

Neste *MeltingPot* de cosmologias indígenas, encontramos os elementos arquetípicos básicos de qualquer outra mitologia, revestidos de uma forma peculiar. O etnólogo francês Lévi-Strauss diria que “encontramos os mesmos elementos estruturais”. Assim, os mitos gregos, os contos de fadas europeus, ou chineses, estão aqui, entre nós, meta-

morfoseados pelo imaginário e pela linguagem indígena. Não temos príncipes, nem princesas, nem reis, ou castelos, mas temos guerreiros, cunhãs, caciques e malocas. Não temos dragões ou ogros, mas temos jaguares gigantes e Encantados. Não temos gnomos ou fadas, mas temos sacis, yaras e mamaés.

O universo mitológico indígena que herdamos é o mundo etérico, onde espaço e tempo não são o espaço-tempo terrestres concretos, mas um espaço-tempo “encantado” onde as coisas não são, mas fluem, se transformam, são e não são ao mesmo tempo. Do mesmo modo como acontece nos contos-de-fada europeus. Este mundo etérico, não lógico, de imagens, de qualidades, encantado, é o mundo imaginativo da criança. Entre os índios, este mundo surge geralmente da cosmologia dos xamãs, os quais percorrem os mundos invisíveis através de suas viagens rituais enteógenas, dissolvendo a percepção da realidade concreta – a qual o indígena tem muito bem, tanto quanto o homem branco.

Nas cosmologias xamânicas, homens e animais são entidades falantes, encantadas, e intercambiantes, animais podem ser gente, gente pode ser animal – a forma pouco diz.

Para o professor de escola, para o educador, ter à mão alguns poucos mitos ou contos indígenas brasileiros não implica necessariamente na limitadora intenção de evitar contos estrangeiros. Ao contrário, implica em riqueza maior, associando os que temos aqui, com os que recebemos de acolá. Os que temos aqui nos falam de uma parte de nossa herança etérica, presente na alma inconsciente de todo brasileiro que nasceu aqui e que bebeu da água da terra e que comeu os frutos da terra. Os que recebemos de acolá, nos falam que certas qualidades arquetípicas da alma inconsciente são universais, muitas vezes intraduzíveis pela simples linguagem da lógica racional.

Os arquétipos fundamentais que encontramos nos mitos indígenas e folclóricos brasileiros são, de modo perfeito, aqueles mesmos que uma criança necessita ouvir para nutrir sua alma de fantasia, de imagens e de qualidades. É a eterna luta do bem contra o mal, é a transformação da fera em homem, do bicho em figura divina; ou é a ascensão da alma para uma realidade mais sutil; é a esperança de que a luz se sobreponha à treva; é a beleza superando a feiúra; a coragem superando a covardia e a inércia; é o céu estrelado, a flor, o pássaro encantado, a compaixão, a inocência, a pureza, a verdade, o humor...

Os contos indígenas brasileiros são geralmente revestidos de um humor específico, de imagens que tem muito a ver com a realidade física-local do povo que os produz, com o tipo de caça que consomem, com as plantas que conhecem, com o tipo de habitação que constroem, com a sua identidade e com suas regras de casamento e de parentesco. Mas isto acontece também com os contos e mitos de qualquer outra parte do mundo. É tão estranho, para alguém que foi “enculturado” pela educação ocidental européia ouvir contar que a noite veio ao mundo embrulhada num fruto de tucumã (o quê é tucumã?), quando o que deveria ser estranho para o brasileiro médio, descendente cultural de índios, de negros e de brancos, é ouvir contar que o São Nicolau vem do céu, em pleno verão natalino tropical, através da neve (o que é neve?). Nos mitos indígenas também ocorre que alguns aspectos fisiológicos do corpo humano, que seriam motivo de pudor para o ocidental branco, são apresentados de uma forma muito direta e natural: a sexualidade, a homossexualidade, as necessidades fisiológicas, as partes corporais íntimas, etc.. É, por exemplo, normal para o índio que num determinado mito a velha feiticeira escape de seus perseguidores porque diz para eles “quero cagar no mato!”, ou é natural que a lua, que é masculino, tenha querido brincar sexualmente com o sol, que também é masculino; ou, ainda, é natural para o índio que as primeiras mulheres na origem do mundo tenham morrido porque copularam com uma anta que tinha o pênis gigantesco e por isso as matou. O indígena tem uma outra relação cultural com o seu corpo, diferente da relação do branco – o que transparece em seus mitos.

Assim, temos que abstrair dos contos, sejam eles de qualquer origem, os elementos físicos, locais, materiais, e buscar os elementos arquetípicos, estruturais, inconscientes, e reconhecer nesses elementos os dinamismos básicos que fecundam a imaginação e alimentam a alma de quem ouve tais metáforas. Por outro lado, podemos também apreciar a beleza do imaginário indígena contextualizado em seu meio natural, a beleza das suas imagens de jaguares míticos, de cunhãs belíssimas, de guerreiros valorosos e de encantados da floresta tropical misteriosa, habitada por antas e por tamanduás que falam como gente.

O elemento do mito, do conto, é a metáfora, palavra que significa, etimologicamente, “meta-phore”, lançar para além: lançar a alma para um mundo além da concretude sensível, para um mundo poético, mítico, para um tempo encantado. A nossa alma contém uma parte que

funciona a partir de uma linguagem metafórica – se manifesta quando sonhamos. Assim, a metáfora é também o Mundo do Sonho. Vivíamos neste mundo, quando pequenos, e o sufocamos com as nossas objetividades adultas, e isto nos tornou mais pobres, mais secos, mais pálidos. O índio, semelhante ao grego, manteve sua capacidade humana, universal, de elaborar metáforas e, ao mesmo tempo, de lidar com a realidade concreta do ambiente, caso contrário não sobreviveria por 15 mil anos nesta terra. Aprendamos com ele, deixando a costumeira arrogância etnocêntrica ocidental de lado, sem também endeusá-lo como “bom selvagem” – o que não é o caso.

Wesley Aragão de Moraes

ÍNDICE

Contos Indígenas Brasileiros para Curumins Pequenos:

A Velha dos Piolhos	10
As Crianças que viraram cigarras	12
As Mulheres Árvores	13
O Jabuti, o Arara e o Cobra	15
O Sete-Estrela	16
De como a Lua foi para o Céu	18
O Homem engolido pela Cobra	19

Contos Indígenas Brasileiros para Curumins Grandes

A Origem do Milho	21
Como surgiu a Noite	22
Outra origem da Noite	24
O que acontece durante a Noite	26
A luta contra o Jaguar Azul	27
O Canto do Pássaro Uirapuru	29
Jurupari, o malvado, e o Guaraná	31
A Origem do Mate	33
Outra Origem do Mate	35
Como nasceu o Rio Amazonas	36
A Vitória-Régia	37
A Origem da Mandioca	38
A Canoa Encantada	40
A Esposa do Encantado Uaraim	42
O Relâmpago e Menino	46
O Rapaz-Arara Misterioso	48
A Feiticeira das Ervas	51
O Sapo Encantado	53
O Pajé que subiu ao Céu	55

Bibliografia	56
--------------	----

CONTOS DO BRASIL PARA CURUMINS PEQUENOS

*A Velha dos Piolhos*⁷

As índias sempre iam catar gravetinhos secos no mato, para por na fogueira e cozinhar. Todo dia elas iam catar gravetinhos.

Um dia, as índias chegaram a um lugar para catar gravetos e lá encontram uma velha, sentada:

– Como vão, companheiras! – disse a velha. – Vocês podem vir catar piolhos na minha cabeça?

Algumas índias foram então catar piolhos na cabeça da velha. Mas ela disse que só podiam catar piolhos de um lado da cabeça, do outro lado não podiam não. Elas acharam estranho aquilo, mas ajudaram a velha, e cataram tantos piolhos que ficaram assustadas. Nunca tinham visto tantos piolhos na cabeça de alguém! Neste tempo, as índias não tinham piolho.

E noutro dia as índias foram novamente procurar gravetinhos. E quem elas encontram no mato? A velha piolhenta! E ela pede novamente: – Ó, minhas comadres, vocês podem catar meus piolhos? Mas só deste lado da cabeça, hein?

As índias não sabiam que aquela velha era encantada, era a Velha dos Piolhos, que perambula pelo mato, espalhando piolhos e às vezes assumindo a forma de um passarinho. Quem ouve este passarinho mágico, ou quem imita o seu canto, fica piolhento. Não sabendo de tudo isto, as índias foram ajudar a velha.

Uma cunhá mais curiosa fingiu que catava piolhos de um lado da cabeça da velha, mas mexeu no outro lado. E ficou muito assustada. O que foi que ela viu? Viu que tinha um ninho enorme de piolhos na cabeça da velha. Todos os piolhos do mundo moravam ali! E os piolhos já iam

subindo rapidinho pelos braços da cunhá curiosa. Então, uma menina falou para a cunhá não dizer para a velha que tinha visto aquela montanha de piolhos. E assim a velha dos piolhos agradeceu e se afastou.

Mas, por isso, as índias pegaram mil piolhos, até hoje. E a Velha anda por aí, espalhando mais e mais piolhos e cantando feito passarinho.

Elementos Interpretativos:

Neste conto do povo Aruá, fica evidente uma dualidade onde se antagonizam a limpeza original com a contaminação original. A velha representa a contaminação primordial, a que porta a impureza e que a espalha. Ela é uma espécie de “caixa de pandora”, pois também levava consigo a proibição de mexer no “outro lado” da sua cabeça. A transgressão de se ter visto este lado proibido, por uma curiosa, fez com que se espalhasse a piolhada pelo mundo. Não é o piolho o que importa. O bichinho é uma metáfora para impurezas primordiais maiores. A alma infantil começa a desvendar o mundo a partir também de um jogo de polaridades qualitativas que vão sendo formadas.

⁷Tradição Aruá, Amazônia

As Crianças que viraram Cigarras⁸

Certa vez alguns índios plantaram uma roça de amendoins, e todo dia eles regavam e cuidavam direitinho dos seus pés de amendoim. Quando veio a época da colheita, deu muito amendoim e todos eles comiam amendoim sem parar.

Mas alguns indiozinhos pequenos, de outra aldeia, viram aquela amendoinzada e ficaram com vontade, resolvendo roubar os amendoins dos outros. E todos os dias eles iam lá, pé antepé, e roubavam montes de amendoins. Até que os donos dos amendoins perceberam que os meninos os estavam roubando e resolveram ficar escondidos para pegá-los de surpresa. Quando os meninos ladrões chegaram para roubar, *Záz!* – foram pegos com a boca na botija. Os homens foram muito maus com os meninos ladrões e resolveram costurar suas boquinhas, para que eles não comessem mais amendoins. Além disto, amarraram os meninos. E ficou de noite e eles queriam gritar pelos seus pais, mas suas boquinhas estavam costuradas e eles só conseguiam fazer *nhu-nhu-nhu...*

Quando amanheceu, os adultos tiveram dó dos meninos, e os pais deles foram procurá-los. Mas não os viram mais, eles haviam se transformado em cigarras, que ficam agarradas nas árvores, e fazendo o som *nhu-nhu-nhu...*

Elementos Interpretativos:

Mais uma vez o elemento da transgressão. Uma regra é transgredida e uma punição ocorre. Também ocorre uma forma de redenção, acima da punição. Os meninos, de certa forma, transcendem a situação, transformando-se em cigarras e, por sua vez, punem os adultos por sua excessiva crueldade ou desleixo. É um apelo ao controle do corpo astral, o desejo, os apetites, e a afirmação da identidade entre astral-desejo humano e astral-desejo da cigarra, do reino animal: a cigarra é uma criança que desejou demais, ficou encantada.

⁸Tradição Suruí, Amazônia.

As Mulheres Árvores⁹

Uma vez, há muito tempo, o chefe índio *Palop*, avô das tribos, pediu a um jovem da aldeia que fosse buscar lenha para o fogo. Neste tempo ainda não existia lenha como hoje existe. Mas, o jovem não sabia disto. *Palop* entregou-lhe um cesto e ele partiu para a mata.

O jovem andou, andou, e não viu lenha nenhuma para catar. Viu apenas uma índia lindíssima, toda enfeitada de adornos de madeira. O jovem ficou encantado com a moça e conversou com ela. A linda jovem disse se chamar *Betikāi*, que é o nome de uma árvore da qual se faz um enfeite de madeira – o tembetá – que é colocado nos lábios.

O jovem disse à moça que tinha que ir andando, pois *Palop* pediu-lhe que catasse lenha. E assim ele andou mais e mais.

Depois de um tempo, encontrou na floresta outra moça ainda mais linda que a primeira. Aproximou-se dela, impressionado com a sua beleza. Ela disse se chamar *Mekirakāi* – também o nome de uma árvore enorme. Ele disse que estava procurando lenha e que tinha que partir, embora tivesse vontade de ficar ali, conversando com a moça bonita.

E o jovem partiu, mata adentro, e encontrou uma terceira moça bonita, sozinha, de pé. Esta também disse seu nome, que era o mesmo de uma árvore. Da mesma forma ele, partiu e encontrou mais outra moça, outra moça, e mais outra moça, todas com nomes de árvores. Mas, lenha mesmo, ele não viu nenhuma. Então ele voltou para a aldeia.

Palop, o avô das tribos, exclamou:

– Ó, meu menino, você não achou lenha? Fica ali mesmo na mata!

– Eu não achei lenha nenhuma! Só moças bonitas! – disse o jovem.

– Mas estas moças é que são a lenha! – disse *Palop*. – Você tem que cortá-las com o machado de pedra e verá que elas caem na forma de lenha. Você não pode ter pena de cortá-las, mesmo sendo elas tão bonitas!

O jovem voltou para a mata, meio disposto a cumprir o que *Palop* dissera. Mas, como é que ele podia usar o machado naquelas moças-árvores

⁹Idem.

tão lindas! Como é que ele poderia matar coisas tão mimosas! Isto seria uma pena! Ele viu a primeira moça, ela ainda estava lá, linda. Ele não teve coragem de cortá-la. Foi até a segunda, e também não teve coragem. Nem teve coragem de cortar a terceira, nem a quarta, nem qualquer uma delas. Essa tarefa seria impossível! Ficou de noite, e ele estava sentado na mata, pensando no que diria a Palop por não ter conseguido cortar as moças-árvores. Como destruir coisas tão belas!

Nisso, surgiu uma outra moça, a qual ele ainda não tinha visto. Era linda, como as outras, e tinha no pescoço um colar muito colorido de muitas contas - mais parecia uma flor, de tão bonita. O coração do jovem bateu apressado, pois ele sabia que teria que matar aquela árvore-moça. Ele perguntou a ela onde estava indo.

– Estou indo buscar frutinhas na floresta. – disse a moça-árvore.

– Ah, então me deixe ir com você! – solicitou o jovem.

E ele a seguiu, caminhando por trás dela. E em determinado momento, com muito dó, deu-lhe uma machadada e ela caiu, num estrondo, como um tronco seco de lenha, perdendo a forma encantada de moça. O jovem encheu o cesto de lenha e o levou para Palop.

Desde esse dia, nunca mais faltou lenha, mas nunca mais ninguém viu árvores em forma de moças bonitas, todas viraram lenha.

Elementos Interpretativos:

Árvores que são donzelas, ou donzelas que são árvores, é uma metáfora sobre a compaixão para com a natureza, a visão da natureza não como algo utilitário, mas como uma entidade viva e animada – a donzela. Essa relação primordial se mantém enquanto o lenhador tem compaixão pela forma vivente e dotada de alma que ele vê – assim como a alma da criança sente tudo vivo e animado. Quando o lenhador rompe com esta relação primordial, tudo se transforma em lenha, o encanto se acaba, tudo se torna utilidade.

***O Jabuti, o Arara e a Cobra*¹⁰**

Um dia, o Jabuti foi comer frutinhas de uma árvore, junto com as moças de uma aldeia. Elas eram muito lindas e assanhadas e pediam ao jabuti que cortasse os galhos da árvore para que elas pegassem frutinhas. Mas, coitado, ele era muito lerdo e desajeitado, e não conseguia.

Perto dali, o Arara, que era muito bonito e enfeitado com penas coloridas, havia catado muitos frutinhas. E as moças, assanhadas como eram, logo correram para perto dele, deixando o Jabuti sozinho no canto.

E foi uma festa. E o Jabuti ficou com muita raiva e com ciúme. Alguém tocou um instrumento, mas as moças só dançavam com o Arara – ninguém queria chegar perto do Jabuti.

Então, ele procurou o Cobra, que ia chegando. E o Jabuti pediu ao Cobra para dar uma flechada no Arara, aquele sem-vergonha. O Cobra não queria fazer isto, pois também era amigo do Arara. Mas, no meio da festa, o Cobra e todos os outros haviam tomado muita bebida fermentada e estavam meio abobados. E o Cobra decidiu que ia atirar flechas em todo mundo. E assim, ele e o Jabuti começaram a atirar flechas, não acertando nenhuma em ninguém. Mas, foi uma debandada geral, as moças fugiram todas, espavoridas, a música parou, a festa acabou.

O Jabuti criou um casco e escondeu-se dentro, de tanta vergonha. O Arara virou um pássaro bonito, falante e exibido. E o Cobra escondeu-se num buraco, e suas flechas, espalhadas, viraram serpentes venenosas que até hoje andam pela mata. Foi assim que os três viraram animais.

Elementos Interpretativos:

Pode-se encontrar aqui uma trimemoração de qualidades, ou de defeitos: o jabuti é a lerdeza e a inveja, o arara é a vaidade exibicionista, a cobra é a traição e o veneno. Três elementos anímicos que, tendo transgredido a ordem, cristalizam-se sob formas definitivas.

¹⁰Idem.

O Sete-Estrela¹¹

Os velhos contam que, uma vez, sete curumins saíram para brincar na mata. As mães deles tinham dito que eles não deveriam ir muito longe, pois poderiam se perder. Eles se afastaram da aldeia, e foram entrando mata adentro, alegres, com pequenos arcos e flechas de brinquedo, cobertos de folhas de palmeira, brincando de caçadores e de caça. Foram se afastando, se afastando, desobedecendo às ordens das mães.

Até que eles se viram numa parte da mata que não conheciam. Estavam perdidos. E começou a anoitecer. Eles, desesperados, começaram a gritar:

– Mamãe! Papai! Estamos aqui!

Mas eles só ouviam os pios dos pássaros, os grilos e os ruídos da floresta. Ninguém podia ouvi-los. E suas mães e pais, lá na aldeia, já estavam preocupados com a demora dos meninos.

Anoiteceu mesmo, o céu ficou estrelado. E os meninos choravam, perdidos, com fome. Seus pais, já os estavam procurando, mas a mata era enorme, cheia de rios e de igarapés, de entradas e de saídas. Era muito difícil de se encontrar alguém. Além disto, na mata habitavam onças, jacarés, boitatás, o curupira, cobras gigantes, animais e monstros de todo tipo. Os pais pensavam que talvez os meninos tivessem sido comidos. E, depois de muito tempo de procura, voltaram para casa. E os meninos ficaram lá na mata.

E perdidos, os meninos choravam muito, já sem esperanças. Mas, então, um deles viu alguns cipós e teve a idéia de subir até o céu, pois de lá poderia ver o mundo lá embaixo e assim avistar sua aldeia. E eles amarraram vários cipós um no outro e jogaram para o céu, laçando-o lá em cima. Começaram a subir, a subir, a subir, na direção das estrelas. E quanto mais iam subindo, mais pequeninas as coisas iam ficando lá embaixo. Mas, quando chegaram lá em cima, os cipós caíram. E assim, os meninos não puderam mais retornar. Tupã, o deus do trovão, teve pena deles e os transformou em estrelas.

Até hoje, quando olhamos para o céu, vemos sete estrelinhas brilhando numa certa direção. São aqueles curumins, transformados.

Elementos Interpretativos:

Os meninos transgridem e são punidos, e depois redimidos, tornando-se estrelas. É também uma bela metáfora sobre a morte: “tornar-se estrela”, ao subir ao céu. Há uma dualidade também entre a aldeia, o lar perdido, e a floresta desconhecida – que, para a criança, é a dualidade ainda assustadora, ou misteriosa, entre a sua casa e o mundo.

¹¹Folclore brasileiro.

No começo dos tempos, para algumas tribos, a Lua vivia aqui na terra mesmo. Era uma moça muito branca, tão branca que brilhava. Chamava-se *Capei* e ficava no mato durante o dia; de noite era ela quem acendia as luzinhas dos vaga-lumes. *Capei* era muito sabida, e ajudava a natureza, dizendo aos bichos o que eles deviam fazer, controlando o mar e o nascimento das crianças. Ela sabia de tudo, e as pessoas perguntavam coisas a ela, quando não sabiam. *Capei* conhecia ervas para doenças e sabia os segredos da caça.

Um dia, um feiticeiro, com ciúmes, ofendeu *Capei*. Ela se cansou e resolveu ir para o céu. Ela foi trançando cipós e fez uma escada, pela qual subiu lá para o alto. De dois em dois palmos ela colocou um degrau de madeira, entre dois cipós. Mas alguém tinha que segurar a ponta lá em cima. E *Capei* pediu à coruja. Lá no céu, *Capei* ficou ensinando às suas filhas, as estrelas – *Jaci-tatás* – como deveriam brilhar de noite para, assim, alumiar os caminhos dos homens, cá na terra.

Elementos Interpretativos:

Este mito folclórico, de origem indígena, tem elementos interessantes que coincidem com a cosmologia antroposófica, a qual também afirma uma identidade primordial entre a lua e a terra, a relação etérica entre a lua e as forças e processo viventes, e a sabedoria da natureza. A lua também representa, metaforicamente, um estado espiritual primordial, algo maternal, feminino, e que foi perdido, foi “exilado” lá no céu. Há, todavia, uma “escada”, uma via através da qual alguma alma poderia subir, ou descer, não sendo essa separação entre o aqui e o “lá em cima” assim tão intransponível.

¹²Folclore brasileiro.

Era uma vez um pescador que foi pegar peixes no rio. Ele estava pescando peixes com arco e flecha. Ele atirou uma flecha e *zaz!* – pegou uma piranha com dentes cortantes como faca. Mas, ao tentar pegar o peixe, veio uma enorme jibóia e *zam!* – o engoliu inteiro e ele foi parar lá dentro da barriga da cobra, que mais parecia um túnel escuro e muito quente. E o homem ficou vivo. Ele sentia a cobra nadando e mergulhando e sentia quando ela saía da água, pois ouvia passarinhos cantando e ruído de mato. Depois ele sentia quando a cobra voltava para a água. Estava muito quente ali dentro. Ele já não aguentava mais. Aí, ele se lembrou de que tinha pego a piranha, que estava na sua mão, e que ela tinha dentes cortantes. Assim, ele pegou alguns dentes da piranha e fez um buraco na barriga da jibóia, e ela morreu. Ele saiu lá de dentro, sem cabelo, pelado e todo melado. Estava muito quente, lá dentro! E assim, os outros índios encontraram o homem que fora engolido pela cobra e se espantaram dele ainda estar vivo.

Elementos Interpretativos:

Um conto tão singelo e que contém elementos os mais profundos a respeito de uma viagem iniciática primordial às entranhas da serpente, e de como o viajante, armado com um instrumento cortante específico, pode livrar-se do ventre da cobra. Uma versão indígena do Jonas bíblico, que é engolido pela baleia e depois ressuscita ileso, e mais sábio. Nas mitologias indígenas, a serpente gigante é fêmea, uma espécie de Mãe Primordial que contém e que sabe dos mistérios das origens das coisas e do mundo. Por outro lado, sair do ventre da serpente, também evoca a saída da criança de dentro do corpo de sua mãe, o passo inicial para a encarnação do Eu dentro de um corpo próprio e elaborado pelo calor materno.

¹³Tradição Arikapu, Amazônia.

CONTOS DO BRASIL PARA CURUMINS GRANDES



*A Origem do Milho*¹⁴

Dois caçadores guaranis procuraram durante dias e dias, inutilmente, por caça ou por pesca. Nem mesmo alguma raiz ou fruto do mato encontravam. Não poderiam retornar para a aldeia sem nada. Como alimentariam seus filhos?

Pediram ao Pai Nosso – *Nhanderu* – que enviasse alguma ajuda. E este apareceu, na forma do sol, e disse-lhes que somente com o sacrifício de um deles é que se obteria algum alimento. Os dois deveriam lutar uma luta de morte, e o perdedor seria transformado em uma planta comestível que alimentaria as pessoas durante muitas gerações.

Os índios lutaram e *Awati* perdeu. Foi enterrado e depois de algumas luas, daquele lugar começou a brotar o milho – *awati*.

Elementos Interpretativos:

Um, entre diversos outros mitos indígenas, que colocam a origem de um alimento importante como resultado do sacrifício de um herói, ou da morte de um ser especial. O alimento é parte ou resultado de uma intenção humana primordial, tem uma relação de parentesco com anseios e com sentimentos humanos e surge através de uma metamorfose destes. A morte é uma metamorfose que permite a continuidade da vida. O deus ajuda, mas pede um sacrifício, pede um esforço, pede a parte humana na tarefa. O herói que morre, se sacrificando, não é uma pessoa, é uma qualidade primordial, e que retornará sob a forma do alimento – o nome do alimento é o mesmo nome do herói.

¹⁴Tradição guarani, sul-sudeste do Brasil.

*Como surgiu a Noite*¹⁵

Há muito tempo, dois irmãos gêmeos índios viviam na mata. Foram estes dois irmãos gêmeos índios que fizeram os bichinhos e as plantas da floresta. Uma vez, um deles subiu numa árvore muito alta e avistou uma terra distante, lá longe e resolveu ir até lá, deixando o irmão.

– Aonde vai, irmãozinho? – perguntou o gêmeo que ficou para trás.

– Vou até aquela terra distante, lá longe. – respondeu o outro. E foi andando, andando... Ele queria ver o que tinha lá.

E depois de muito tempo em que os dois irmãos gêmeos ficaram separados, o outro voltou, vinha andando lá longe, saindo da mata. E o outro irmão, o que não foi, ficou muito alegre com a volta do irmãozinho. E ele trazia no braço uma grande flauta de bambu, grossa, muito estranha, que tinha uma tampa numa das pontas.

– Que flauta é esta que você trás, irmão?

– Não pode mexer não! Só quando chegar em casa! – Disse o outro.

Mas tanta foi a curiosidade do irmão que havia ficado que no caminho ele mexeu e destampou a flauta. E o que aconteceu? De dentro dela saiu a noite, com seus ruídos, o som da coruja, o pio dos grilos e a escuridão. Tudo ficou escuro, de noite, pois dentro da flauta estavam os sons da noite e a noite mesma...

Com raiva do irmão teimoso, o outro gêmeo inventou os mosquitos e pernilongos, que começaram picar todo mundo desde então...

Elementos Interpretativos:

É muito recorrente, nas mitologias indígenas das Américas, as figuras dos dois irmãos gêmeos, na verdade, o Sol e a Lua, um mais ativo e outro mais passivo; um que faz as coisas mais precisamente e o outro que comete erros; um é o direito, o outro é o esquerdo: O par de opostos-complementares. A luz primordial, quando tudo era dia, não permitia diferenciação, e tudo era tudo, as coisas estavam misturadas numa totalidade indiferenciada: tudo era Luz. Foi necessária a treva, o

oposto-complementar, liberta pelo segundo irmão, o curioso, teimoso, para que as coisas perdessem sua totalidade primordial e mergulhassem na diversidade total. A criança também parte dessa indiferenciação primordial em relação à mãe e em relação ao mundo espiritual de onde teria vindo, para adquirir sua “noite terrena”, sua diferenciação identitária, e a diferenciação das coisas através de nomes e de formas: é o processo de encarnação. A flauta é um dos símbolos nativos da alma.

¹⁵Tradição Suruí, Amazônia.

*Outra origem para a noite*¹⁶

Há muito tempo havia um ser chamado Cobra Grande, enorme, do tamanho de um rio. Ele é quem era o dono da noite, das estrelas, da lua e do escuro. Ninguém, a não ser o Cobra Grande, conhecia a noite, o tempo todo era dia. O Cobra Grande guardava a noite só pra ele.

Por que só havia dia, ninguém tinha nome, e ninguém era ninguém. Todo mundo, pessoas, bichos, plantas, eram uma coisa só. Todo mundo entendia todo mundo, pois eram todos uma coisa só.

Então, a filha do Cobra Grande, que era uma índia, se apaixonou por um guerreiro e foi morar com ele na floresta. Mas ela estava acostumada com a noite, na casa do seu pai Cobra Grande. E ela achou muito ruim morar num lugar que sempre era dia e onde todo mundo não tinha nome. E o guerreiro, que gostava muito dela, teve dó e mandou dois outros guerreiros irem buscar a noite só para a esposa. E eles foram.

O Cobra Grande enviou, pelos dois mensageiros, a noite, dentro de um frutinho de tucumã, que é um coquinho pequeno, e disse aos dois que não abrissem de jeito nenhum. E os dois levaram a noite dentro do tucumã. Mas, no caminho, não aguentaram de curiosidade porque de dentro do coquinho saiam sons estranhos, pareciam grilos e sapos coxando. E eles abriram o coquinho para ver o que tinha dentro. A noite saltou para fora, muito rápido, e então as coisas tiveram nome, forma e separação. E então, homens não entenderam mais os bichos. A filha do Cobra Grande ficou com pena dos homens e dos bichos e fez uma separação: tirou um fio dos seus cabelos negros e cortou a noite pelo meio, seria metade dia e metade noite, sempre. O Cobra Grande teve muita raiva dos seus dois mensageiros, que causaram o estrago, e os transformou em macacos.

Elementos Interpretativos:

O Cobra Grande representa a sabedoria primordial inconsciente. É a mesma Cobra iniciática que engole homens, que depois são redimidos. Ele é guardião dos mistérios da totalidade luminosa primordial, impedindo que ela se desfaça, mantendo para si a noite, que é a diferenciação, a perda da unidade e a aquisição da

diversidade. A filha do Cobra é o elemento de equilíbrio, mercurial, que estabelece a ritmicidade entre treva e luz, entre dia e noite, entre totalidade e diversidade. Ela é a alma humana, que vive entre luz e treva, entre sono e vigília, entre a totalidade luminosa do espírito e a diferenciação noturna da terra. Há também uma caixa de Pandora neste conto, a qual é aberta por curiosos irresponsáveis – que são punidos, tornando-se irracionais, macacos – mas que, mesmo assim, espalham pelo mundo algo que deveria ser guardado e controlado. O tucumã é uma palmeira – uma árvore primordial – dentro de seu fruto foi encerrado um processo potencial de transformação, algo que seria para o futuro.

¹⁶Folclore da Amazônia.

O que acontece durante a Noite¹⁷

Quando fica de noite e o céu fica coberto de estrelinhas brilhando, todos vão dormir em suas caminhas ou redes.

Os índios contam que quando as pessoas dormem, as almas das pessoas saem e voam para as estrelas, como se fossem passarinhos, e ficam lá, brincando com as estrelas e se divertindo muito. Quando o dia vai amanhecer, as almas voltam de novo, voando que nem passarinhos.

Lá no céu, dizem os índios, tem o Deus Pai, o que criou todas as coisas. E ele tem uma mensageira, chamada *Anabanéri*, que é uma índia-pássaro. Quando as almas das pessoas voam para o céu, *Anabanéri* vem de lá, seguindo o caminho contrário, e vai direitinho para dentro dos corações das pessoas que dormem e canta lá dentro a cantiga do Deus Pai. E assim, quando as almas voltam do céu, de manhã, elas encontram uma cantiga muito linda dentro de seus corações, deixada por *Anabanéri*.

Elementos Interpretativos:

Anabanéri é uma espécie de mensageira celestial – *angelós*, em grego, um anjo. É um vínculo espiritual entre a pessoa, que dorme na terra, e a essência celestial de onde todos os homens saíram. Os índios também acreditam que a alma possa sair do corpo e voar durante a noite, como um pássaro. É no que os xamãs se especializam. *Anabanéri* é a afirmação de que a alma não está só, mesmo quando dorme e se perde no céu. Há uma inteligência maior velando e se comunicando, sem sabermos, com os que dormem. Talvez seu nome derive do tupi *anguera* - alma saída do corpo.

¹⁷Idem.

A Luta contra o Jaguar Azul¹⁸

Há muito tempo atrás, um enorme monstro desceu do céu. Era o Jaguar Azul – *Jaguarovy*. Ele era muito antigo, do tempo em que o mundo foi feito pelo Deus Pai. Ele se soltou e veio procurar comida. E ele comia gente, era uma onça muito enorme, do pelo azul, e não amarelo pintado como é normal. Tinha um monte de estrelas brilhantes em seu pelo azul – ele era até muito bonito, mas era muito bravo, muito forte, terrível!

E o *Jaguarovy* começou a comer gente, comeu, comeu, comeu todo mundo e só iam ficando aldeias vazias por onde ele passava, não sobrava ninguém. Ele comia uma aldeia inteira, todo mundo, crianças, velhos, velhas, mulheres e homens valentes também, comia até os cachorros e os papagaios de estimação. Era muito malvado o Jaguar Azul, o *Jaguarovy*!

Mas, aconteceu que um menino, um *curumim* muito valente, tinha ido pescar no rio, e voltando para sua casa só encontrou os ossos de seus parentes – o *Jaguarovy* tinha passado por ali e tinha comido todo mundo! Só o menino havia sobrado e ele ficou ali, chorando, chorando, sem pai nem mãe. Que *Jaguarovy* malvado, esse!

E o menino, o *curumim*, resolveu que não ia ser comido não e que ainda tinha que acabar com aquilo. Ele não ia deixar aquele *Jaguarovy* malvado comer todo mundo, enquanto ninguém fazia nada contra ele.

E então, o *curumim* resolveu caçar o *Jaguarovy*. Ele colocou fogo na ponta de uma lança e foi enfrentar o Jaguar Azul, com toda coragem. E na mata ele se defrontou com o Jaguar Azul, enorme, muito grande, com dentes pontudos, língua vermelha, olhos grandes e amarelos como se fossem fogueiras, e patas enormes com garras que pareciam facas! E o Jaguar ficou armando o bote, ia pular em cima do *curumim* para comê-lo. E o *curumim*, com muita coragem, pôs a lança com ponta de fogo na direção do Jaguar. Quando o monstro deu o bote, pulando para cima do *curumim*, a lança de fogo entrou direto no peito do monstro e ele *bum!* – caiu morto...

¹⁸Tradição guarani, sul-sudeste do Brasil.

E a alma do Jaguar, que era do céu, saiu do corpo morto e voltou para as estrelas, subiu cantando na língua das onças, e está lá, olhando a gente lá de cima, até hoje – querendo voltar de novo, para comer mais gente.

O curumim, muito valente, ficou sendo um herói e depois procurou uma índia para casar e teve muitos filhos, e eles povoaram o mundo de novo; e ele se tornou o avô de todos os homens. Todos nós somos netos e bisnetos deste curumim herói, o que matou o Jaguar Azul.

Elementos Interpretativos:

O Jaguarovy, “Jaguar azul”, faz parte da cosmologia guarani e tupi. É um ser do Caos, que fez parte da Criação, realizada pelo Pai Primordial – *Nhanderú*, uma entidade solar. Ao mesmo tempo, é o contrário e o principal auxiliar do Criador. O Jaguar é também a astralidade incontrolada, a predação primordial que a tudo quer devorar e que se apresenta nas formas de predação da natureza e entre os homens. Ele é a ferocidade e a irracionalidade primordiais, mas também a sabedoria do Caos. É semelhante ao tigre, na Índia, e ao leão, nas religiões africanas. As plantas alucinógenas e venenosas são possuídas pelo Jaguar. O xamã comunga com o Jaguar, se transforma nele, ao entrar no mundo espiritual. O Jaguar-Caos destruiu tudo, uma vez, e periodicamente ele retorna, apenas aguardando a ordem do Criador para fazê-lo. Foi uma criança (inocência e a pureza), que o destruiu em uma de suas vindas. O curumim que matou o Jaguar também é ancestral dos homens. Isso significa que é tarefa intrínseca da alma humana a de superar o Caos, dominando-o. São essas forças do Caos, do Jaguar, que se confrontando com a criança através de seus instintos agressivos, através de seus processos orgânicos, doenças da infância e vivências cotidianas que serão buriladoras do seu caráter.

O Canto do Pássaro Uirapuru¹⁹

Há muito tempo atrás, aconteceu que duas lindas cunhãs, filhas de um velho chefe, princesas de um povo que vivia na mata, se apaixonaram por um guerreiro muito forte e muito corajoso, que era um príncipe entre sua gente. O príncipe guerreiro só poderia se casar com uma delas. E cada uma era mais linda do que a outra. Como ele poderia decidir?

Então, o guerreiro chamou as duas e decidiu com elas que se casaria com aquela que melhor soubesse atirar uma flecha. As duas pegaram um arco e uma flecha e cada uma atirou, na sua vez. Só uma delas acertou o alvo, e a outra princesa índia ficou muito triste porque errou.

O príncipe guerreiro se casou com a cunhá que soube atirar a flecha e partiu com ela para sua nova casa, que ficava para lá da floresta florida.

E a outra cunhá, a que perdeu, chorou, chorou, chorou muito, tanto que suas lágrimas formaram um riozinho de águas cristalinas. Ela chorou tanto, coitadinha, que Tupã, o deus trovão, ficou com dó dela, vendo-a lá do céu. E Tupã veio até ela e prometeu que pelo menos ela poderia ver o seu príncipe guerreiro, de longe, pois ele a transformaria num pássaro lindo, e que do alto das árvores ela sempre poderia avistar o seu amado. Ela ficou alegre com isto e parou de chorar. Tupã então a transformou no Uirapuru. E ela foi voando, voando e foi ver o seu príncipe guerreiro.

Mas, chegando à linda maloca de palha, alta, feita de troncos de árvores muito grossos, a casa do príncipe guerreiro e da cunhá princesa, o pássaro-cunhá ficou ainda mais triste. Ela viu que os dois eram felizes e que nem se lembravam dela. E chorou, chorou novamente, e voou para longe, para muito longa mata adentro.

Tupã, senhor do trovão, teve dó dela, novamente. O que ele poderia fazer? Então, deu a ela, na sua forma de pássaro, o canto mais lindo que existe no mundo, o canto do Uirapuru – tão lindo que, quando canta, os outros pássaros do mundo param de cantar para ouvir. Dizem que quem ouvir o canto do Uirapuru pode ser feliz e alegre, como a cunhá que ele era antes nunca pudera ser...

¹⁹Folclore da Amazônia.

Elementos Interpretativos:

O conto é uma metáfora que poeticamente expressa a natureza anímica dos pássaros e a natureza de pássaro das paixões da alma. O guerreiro é a meta espiritual para a qual a alma apaixonada encontra um empecilho, um obstáculo intransponível. A união com o ser amado torna-se impossível. Só resta cantar e voar pelo mundo. O pássaro canta movido por um instinto erótico de acasalamento e de território. A alma do mundo canta, inteira, através do canto de cada pássaro. A alma humana e suas paixões são uma parte menor dessa alma do mundo. O canto é também saudade e perda, nostalgia de algo que se teve ou de algo que se poderia ter tido. É a alma, na terra, cantando a perda do espírito, que reside, feliz, num lugar distante, em completude perfeita e harmônica. No fundo, cada ser humano, e também cada criança, canta o canto do Uirapuru.

Jurupari, o Malvado, e o Guaraná²⁰

Era uma vez uma aldeia onde vivia um casal de índios. Eles já estavam um pouco idosos e eram tristes porque não puderam ter filhos.

Um dia, a cunhá resolveu pedir ao Deus Pai, que vive lá no céu, que lhe desse um filho. E o Deus Pai ficou com dó e resolveu atendê-la.

Nasceu então um menino, muito bonito, muito esperto e forte. O menino era tão bonito e esperto que foi visto por Jurupari, que era um deus feiticeiro poderoso, que tinha até ajudado o Deus Pai a fazer o mundo. Mas Jurupari era muito ciumento, e quando sentia ciúmes ficava feio e malvado e era capaz de fazer coisas ruins. E Jurupari, que era muito poderoso, ficou vendo o menino bonito de longe, e sentindo raiva dele só porque ele era bonito e forte. E Jurupari queria de qualquer jeito acabar com aquele menino bonito, com aquele curumim.

Até que, um dia, Jurupari encontrou o curumim brincando sozinho na floresta, perto de umas árvores grandes. Então, Jurupari se transformou numa grande cobra venenosa e foi se arrastando para o lado do menino. E o curumim não via a cobra feia. Não era uma cobra normal – era Jurupari disfarçado e pronto a picar venenosamente. Jurupari chegou na forma de cobra, pertinho do curumim e *zap!* – cravou os dentes pontudos com veneno em sua perna. E o menino caiu morto...

Os pais do menino ficaram muito, muito tristes, pois era o único filho que tinham. Aquele Jurupari malvado! E o Deus Pai, senhor do trovão, ficou muito, muito bravo lá no céu e mandou um forte trovão que fez tudo balançar!

O trovão era uma mensagem para a mãe do curumim morto. Ela entendeu direitinho o que o Deus Pai pedia, falando através do trovão. Ele pedia a ela que os olhos do menino fossem enterrados separados, num lugar muito especial, porque deles nasceria uma planta muito especial, que seria boa para todas as pessoas. E assim foi feito.

Depois de um tempo, dos olhos do curumim, de onde eles foram enterrados, brotou uma planta nova que não existia – cujos frutos se

parecem com olhos, para quem os vê. É uma planta que tem olhos, que ficam olhando para todo mundo. Os índios lhe deram o nome de “guaraná”, que quer dizer “parecendo gente viva”.

Elementos Interpretativos:

O conto lembra muito um mito órfico grego, que relata como o menino Dionísio foi morto pelos seres do caos, por ciúmes e por inveja, mas ressuscitou na natureza. O guaraná (*Paullinac*) é essa erva dionísica, metamorfose de uma criatura bela e harmônica que é destruída pelo Caos, Jurupari – que também é um ser criador na mitologia tupi – e que, assim, serve a outro propósito vital. A destruição e a morte servem à vida. Aqui, o guaraná não é somente o guaraná. Ele é uma metáfora para a destruição criadora, através da transformação das coisas – processo intrínseco ao dinamismo do universo. Isto é algo que a sabedoria inconsciente da criança pode captar e que, depois, quando adulta, de certa forma ela “esquecerá”, até que amadureça e aprenda a imaginar, a intuir.

A origem do Mate²¹

A tribo tupi estava comemorando uma grande caçada, todos bebendo o *cauim*, vinho feito de mandioca fermentada, e comendo carne assada de caça. No meio da festa, todavia, dois guerreiros famosos começaram a discutir e brigaram. *Piraúna* e *Jaguareté* – eram seus nomes – ostentavam colares de dentes dos inimigos vencidos em batalhas. A briga foi feia. Tanto que, em dado momento, *Jaguareté* matou *Piraúna* com o seu tacape de guerra. Isto causou uma revolta na aldeia. O matador foi então preso e amarrado a um tronco, conforme as leis da tribo. Agora, conforme as mesmas leis, os parentes do morto tinham o direito à vida do criminoso.

Entretanto, o pai do morto, um velho sábio chamado *Curuacu*, surpreendeu a todos, dizendo que o guerreiro *Jaguareté* não tivera culpa, pois fora induzido por *Anhangá* – um espírito mau – a beber mais *cauim* do que devia. Ele deveria somente ser afastado da aldeia, para viver bem longe, sozinho. E assim foi feito.

Passaram-se muitos anos e as pessoas até se esqueceram do fato. Um dia, entretanto, dois jovens guerreiros encontraram na mata, muito longe dali, uma maloca pequena, onde vivia um velho de cabelos brancos, que os recebeu muito bem. Mas, este velho os surpreendeu, pois tinha a aparência forte e jovial, aparentando muito menos idade do que tinha. Ele serviu aos jovens uma bebida muito gostosa e lhes contou que ele era *Jaguareté*, do qual seus pais deviam ter falado a respeito.

Jaguareté contou que vagou pela mata por dias e dias, até cair exausto e esfomeado. Apareceu-lhe então a deusa *Caa-Yari*, protetora das ervas, e lhe ensinou a preparar uma bebida com as folhas de uma árvore.

Graças ao chá, *Jaguareté* se recompusera e adquirira forças. Desde então, ele se acostumara a tomar aquela bebida diariamente, mantendo-se jovem e sadio.

Os jovens retornaram à tribo e contaram o ocorrido. E os anciãos resolveram permitir que *Jaguareté* retornasse, depois de tantos anos, para ensinar-lhes a bebida sagrada.

²¹Folclore do sul do Brasil.

Elementos Interpretativos:

O crime e sua expiação, o erro e a redenção, a transformação de um pecado em uma dádiva. O mate é uma erva estimulante, hábito dos índios guarani que o gaúcho herdou. Mas, o mate, aqui, também é metafórico. É a superação de um sofrimento e de uma culpa, na direção do cultivo de uma força e de uma jovialidade interiores, os quais são dádiva do espírito. Uma manifestação da Alma do Mundo, a deusa das ervas, aparece ao guerreiro e o redime, ele se torna velho e jovem, maduro e vigoroso.

Outra origem do Mate²²

Conta-se que, um dia, Nosso Senhor, acompanhado de São José e São Pedro, andou muito, muito, e chegou até a casa de um índio velho, numa tarde muito bela. O velho índio tinha uma filha muito bela e jovem, sua única alegria neste mundo.

O índio recebeu os visitantes com hospitalidade, sem saber quem eram, e lhes deu tudo que tinha em casa. Nosso Senhor, para recompensá-lo, disse-lhe:

– Por causa de tua bondade, te darei uma coisa: tua filha nunca morrerá de fato.

O velho ficou feliz e sua filha não envelheceu, nem morreu, mas, depois de muitos anos vividos, se transformou em *Caá-Yari*, a árvore da erva mate. Por mais que cortem suas folhas, elas brotam novamente, permanecendo a árvore eternamente jovem. Tornou-se a deusa protetora dos ervateiros, e lhes dá a disposição para vencerem o cansaço.

Elementos Interpretativos:

Mais metáforas: a bondade, a delicadeza, a beleza, o calor humano, são preservados pelo Espírito e transformados em imortalidade, em algo que nunca perece, que se mantém sempre vivo e cheio de frescor e de beleza juvenis. A filha do velho índio é a sua própria alma, bondosa e bela, que é preservada para sempre pelo Espírito, pois ela está em harmonia com a Alma do Mundo, que é plena de uma sabedoria vivente, a *Sophia*, entidade feminina, primordial, senhora do mundo e dos segredos da natureza. Contar esta estória para crianças, pode ser um convite a torná-las pequenas Caá-Yáris, plantinhas belas e imortais que jamais perdem o vigor e permanecem sempre vistosas.

²²Idem.

Há muito tempo, a Lua se apaixonou pelo Sol, e resolveu se casar com ele. Mas isso não podia acontecer, pois se se juntasse o Sol e a Lua o fogo do Sol queimaria tudo e as lágrimas da Lua inundariam tudo.

Como não puderam se casar, Lua e Sol seguiram caminhos diferentes. E a Lua ficou muito triste com isto, e chorou, chorou um dia inteiro. As lágrimas da lua desceram do céu e correram pela terra, indo para o mar. Mas, o mar não aceitou as lágrimas da Lua e mandou que elas voltassem para trás. E as lágrimas escorreram no sentido contrário, terra adentro, encontrando altas montanhas – os Andes. E não puderam subir as montanhas, caindo de lá, novamente. E, quando as lágrimas da Lua desceram as montanhas, formaram o Rio Amazonas.

Elementos Interpretativos:

Há uma ordem cósmica, dentro da qual o jogo de opostos-complementares se movimenta. O rio Amazonas é a vida, a existência, resultado de interações desse jogo cósmico de amor e de recusa entre Sol e Lua, figuras alquímicas primordiais. O fluxo da vida, o mundo, é o resultado de um grande amor ainda não realizado, que foi impedido, que não começou, que ainda não foi possível. É encontro e desencontro, amor e perda, exultação e angústia. São os elementos primordiais da alma. As águas são o elemento da Lua, figura que rege os fluxos, a vitalidade, as correntes inconscientes aquáticas. O rio Amazonas é o sangue, através do qual a vida flui e permite que a alma esteja no mundo, padecendo a dor pela impossibilidade do amor pleno.

²³Folclore da Amazônia.

A Lua é (também) um guerreiro, um príncipe da noite, muito belo e emplumado com um cocar de penas brancas que percorre o céu estrelado.

Uma vez, uma índia chamada Naiá apaixonou-se pela Lua, e ficava horas e horas acordada, à noite, contemplando o seu amado no céu, vendo-o desfilar, enfeitado com suas penas brancas, entre estrelas cintilantes. Mas Naiá nunca podia alcançar Lua, porque ele passava muito, muito alto e não havia escada que chegasse lá. E ela suspirava, triste, apaixonada, porque não conseguir chegar perto do seu amado.

Uma noite, Naiá chegou até uma grande lagoa, onde ela viu a Lua refletida sobre as águas. Ela pensou que a Lua estivesse ali, pertinho, em cima da lagoa. E sem pensar um tiquinho ela se atirou sobre as águas e afundou, pois não sabia nadar.

A Lua, lá do céu, que era esse guerreiro príncipe, viu tudo e ficou com dó de Naiá. Então, a Lua transformou a índia morta em uma grande flor, que fica boiando sobre a lagoa e que todas as noites abre suas pétalas enormes para receber os raios da luz prateada da Lua, a vitória-régia – a maior flor aquática que existe no mundo.

Elementos Interpretativos:

Este conto indígena tem elementos parecidos com o anterior: um amor impossível, um encontro de opostos impedido. Às vezes, uma coisa bela surge como compensação de outro algo que não foi possível. É a noção de redenção, de compensação, de consolo. É também o sentimento poético de que as flores são atitudes anímicas materializadas no vegetal. É também uma metáfora sobre a morte como transformação em algo belo.

²⁴Idem.

*A origem da Mandioca*²⁵

Foi há muito tempo atrás, quando o Grande Cacique foi ver a netinha que tinha nascido, filha de sua filha. E ele ficou muito espantado ao perceber que a garotinha era muito branca, branca demais, diferente das outras crianças da aldeia. Não podia ser normal aquilo! E, além disso, ela crescia muito depressa, estava ficando muito grande em pouco tempo. Que coisa estranha! Aquela criança não podia ser da aldeia!- pensou ele.

E o Grande Cacique resolveu que tinha que matar aquela criança grande, branca e estranha!

Mas, existia um sábio chamado Somé, que vivia na mata, e que tinha vindo do mar ensinar aos índios muitas coisas importantes. E este Somé, um homem muito sábio, conhecia a vontade do Deus Pai. E Somé disse ao Cacique que ele não deveria matar a criança, pois seria castigado.

O Cacique obedeceu ao Deus Pai e a menina cresceu e ficou muito bonita, apesar de ser muito, muito branca. Mas era inteligente e bondosa e todos gostavam dela. Ela se chamava Mani.

Mas antes que Mani completasse um ano de idade, morreu de repente, ninguém sabe de quê. Todos ficaram tristes, até mesmo o Cacique, que passou a gostar dela. E ele mandou que a enterrassem dentro da maloca, onde eles viviam.

Um dia, no local onde a menina branca Mani havia sido enterrada, começou a surgir uma planta que ninguém conhecia, que logo deu flores e frutos. As raízes tinham uma casca marrom e por baixo dessa casca elas eram brancas, branquinhas da cor de Mani. E os índios aprenderam que aquela planta e a menina Mani eram uma dádiva do Deus Pai. E com a planta eles puderam fazer alimento, farinha, bijus, e bebidas. Passaram a cuidar da planta, e deram a ela o nome de “mani-oca”, a casa de Mani, de onde veio “mandioca”.

Elementos Interpretativos:

O recorrente tema indígena da transformação-redenção de uma criatura especial, que nasce e que depois morre, sendo então transmutada em um alimento especial ou

²⁵Tradição Tupi, sul-sudeste do Brasil.

sagrado. É a noção do sacrifício, do sacrifício de uma qualidade humana, da vida, que morre para que outra forma de expressão possa surgir. A mandioca é outra metáfora. É o “pão”, ou antes, o “trigo” transformado do índio brasileiro, a base de sua alimentação. É o espírito transformado em carne, ou a Alma do Mundo tornada alimento, sacrificada para que os homens comam e vivam. Mani é também uma metáfora da própria Terra, o ente planetário inteiro – a Mãe Gaya, que se sacrifica para formar a vida e para nutri-la. A mandioca é uma miniatura da Terra inteira, uma raiz venenosa, tornada comestível.